



Obras completas de
Maria Ondina Braga

Biografias no feminino

Mulheres Escritoras

Retratos com Sombras

Dispersos e Inéditos

Edição e prefácio de

Isabel Cristina Pinto Mateus

Claire Williams

Coordenação de

Isabel Cristina Pinto Mateus

José Cândido de Oliveira Martins

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
loja.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Herdeiros de Maria Ondina Braga
© 2023, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Edição e prefácio

Isabel Cristina Pinto Mateus – Universidade do Minho (CEHUM)

Claire Williams – University of Oxford (St Peter's College)

Coordenação

Isabel Cristina Pinto Mateus – Universidade do Minho (CEHUM)

José Cândido de Oliveira Martins – Universidade Católica Portuguesa (CEFH)

Revisão

Mário Azevedo

Composição

Magda Macieira Coelho

Impressão

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre

Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Este volume segue a norma ortográfica vigente
por determinação legal da editora, recordando-se, contudo,
a oposição de Maria Ondina Braga ao acordo que
a fixou e às motivações que o impuseram.



1.ª edição: outubro de 2023
ISBN: 978-972-27-3143-0
Depósito legal: 520677/23
Edição n.º 1026245

ÍNDICE

COMPANHEIRAS DE SOLIDÃO E DE LEITURA:

MULHERES E ESCRITA BIOGRÁFICA EM MARIA ONDINA BRAGA

[PREFÁCIO DE ISABEL CRISTINA PINTO MATEUS E

CLAIRE WILLIAMS]..... 9

MULHERES ESCRITORAS 39

AS IRMÃS BRONTË 43

COLETTE 57

MARIA BROWNE 73

LOU SALOMÉ 83

JANE AUSTEN 99

IRENE LISBOA 111

SELMA LAGERLÖF 127

KATHERINE MANSFIELD 141

TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA: UMA ESCRITORA

FEMINISTA NO SÉCULO DAS LUZES 157

GEORGE SAND 167

VIRGINIA WOOLF 181

GABRIELA MISTRAL 193

RETRATOS COM SOMBRAS.....	215
ANAIS NIN	217
ANA PLÁCIDO: O DESASSOMBRO, QUER AO CALOR DA PAIXÃO, QUER AO FRIO DO INFORTÚNIO.....	237
CARSON McCULLERS: A FALTA E O EXCESSO	255
GEORGE ELIOT.....	277
MARIA ARCHER.....	299
ROSALÍA DE CASTRO.....	311
SEI SHŌNAGON.....	335
VIOLETTE LEDUC	351
TEXTOS PUBLICADOS EM REVISTAS E JORNAIS.....	369
<i>O Livro Branco do Aborto</i>	371
Maria Teresa Horta, <i>Ana</i>	373
Mulheres dos países socialistas.....	375
Eva Forest	379
Aborto.....	383
<i>A Divorciada</i>	388
Sidónio Muralha, <i>A Mulher Submissa</i>	394
A repressão sexual ontem e hoje	396
Ingmar Bergman, <i>Cenas da Vida Conjugal</i>	403
Simone de Beauvoir, <i>O Segundo Sexo</i>	405
Ser ou não ser pelo amor livre	407
Maria Velho da Costa, <i>Cravo</i>	410
Simone de Beauvoir, <i>O Segundo Sexo (II Volume)</i>	412
Oriana Fallaci, <i>Carta a Um Menino Que não Nasceu</i>	414
Germaine Greer, <i>A Mulher Eunuco</i>	418
Alexandra Kollontai, <i>Autobiografia de Uma Mulher</i> <i>Emancipada</i>	421
Isabel da Nóbrega, <i>Quadratim I</i>	425
Aborto e contraceção em debate	428
Simone de Beauvoir, <i>A Força da Idade</i>	432
Sheila Rowbotham: a odisséia da mulher no mundo dos homens.....	437

A mulher nos contos de Miguel Torga.....	443
A vida de Golda Meir	446
Doris Lessing, <i>O Caderno Dourado</i>	450
Benoîte Groult, <i>Assim Seja Ela</i>	455
A mulher no movimento literário português após a revolução	460
As outras mulheres	465
Miles Franklin, <i>A Menina do Mato</i>	467
Maria Dabrowska: uma voz polaca, <i>O Casaco de Inverno</i>	470
Marina Tsvetaeva: o drama do regresso.....	472
Rachel Bastos: quem hoje a conhece?	476
Ding Ling: uma escritora na China do século xx	478
Caroline Fox ou os diários truncados.....	481
Tu Fu: em louvor das mulheres.....	484
Evocação de Manuela Porto, no centenário de Virginia Woolf	487
Ser mulher na China de hoje.....	489
Na China, a juventude, o amor.....	492
Solidão.....	495
O ponto mais alto da novelística	498
Para quando a emancipação da mulher chinesa?	501
Mulheres de letras na China Antiga	504
A condição feminina na literatura chinesa do século xx ..	507
Autorretrato	517
TEXTOS INÉDITOS	523
Mulheres escritoras.....	527
Testemunho de uma mulher que escreve em Portugal	529
Testemunho de uma mulher que escreve em Portugal (2)	535
O feminismo	542

PREFÁCIO

COMPANHEIRAS DE SOLIDÃO E DE LEITURA:

MULHERES E ESCRITA BIOGRÁFICA EM MARIA ONDINA BRAGA

*Hay una historia que no está en la historia
y que sólo se puede rescatar aguzando el oído y
escuchando el susurro de las mujeres*

Rosa Montero

1. Escrever no feminino

A atenção às mulheres, aos seus silêncios e segredos, aos seus medos e angústias, à fragilidade da sua condição nos diferentes lugares do mundo e nas diferentes culturas, esteve no centro da escrita de Maria Ondina Braga desde o primeiro momento. Em *Eu Vim para Ver a Terra*, livro de estreia, publicado em 1965 (revisto e publicado em 1994, sob o título *Passagem do Cabo*); em *Estátua de Sal* (escrito em 1963, publicado em 1969, revisto em 1976 e 1983); ou em *Vidas Vencidas* (1998), todos eles reunidos em *Autobiografias Ficcionalis*, Volume I das *Obras Completas* da escritora de que este segundo volume, *Biografias no Feminino*, faz parte.

Em todas essas autobiografias, a atenção ao mundo das mulheres começa por manifestar-se na primeira pessoa como lugar de enunciação e de fala. A autora dá-nos a escutar a sua própria voz de mulher em trânsito, observando à distância os gestos, os silêncios e as vozes das mulheres com as quais se cruza. Fala-nos da sua experiência de mulher sozinha, emigrante ou viajante, enfrentando o exílio, a dor e a solidão através da escrita nos pequenos quartos do mundo que foram a sua casa. Do mesmo modo que nos dá a conhecer os gestos mecânicos, precisos, de Mrs. Mills, em Inglaterra, mãe das crianças de quem foi precetora; os gestos calmos e afetuosos de Madame Morin na casa grande de Bièvre, tão «diferente de Mrs. Mills como o calor do frio» (*Estátua de Sal*) ou os gestos ancestrais, rituais, da senhora Knowles, mulher do reverendo

Knowles, cosendo meias depois da ceia ou cuidando dos piqueniques da família, aos sábados, nas Terras Altas da Escócia. Com ela, escutamos o grito da mulher que dá à luz numa cubata algures na noite de Angola, as conversas da irmã Águeda, porteira do colégio em Luanda, ou as perguntas curiosas das alunas na missão de Caranzalém, em Goa.

A escritora evoca a memória de Ruth, a velha negra vendedora de bolinhos de jinguba no mercado de São Paulo, testemunha o drama de Ângela, em fuga para Londres em nome do amor, deixa-se surpreender pelas artes divinatórias de Miss Li Yü ou pela estranheza de Miss Lu — «Miss Lu fala sempre uma língua difícil; entendo melhor a voz do vento» (*Estátua de Sal*). Relata-nos os dramas das várias mulheres que com ela se cruzaram nas muitas viagens de comboio ou de barco ou imaginou nos muitos caminhos que percorreu. Maria Ondina Braga revela-nos as histórias da tia Glória, mulher insubmissa que emigrou para o Brasil fugindo ao marido e ao desencanto do casamento, a loucura da tia Luiza, os segredos dos colégios femininos por onde passou ou viveu, os silêncios das mulheres, em particular das mulheres de «má vida», enclausuradas em casas de «recolhimento» como o Recolhimento das Convertidas, ali mesmo ao lado da casa onde nasceu, na Avenida Central, em Braga. Temas como a condição da mãe solteira, a gravidez indesejada e o aborto, vigilância e preconceito social, estão já aqui presentes.

Os livros de Maria Ondina, observa Agustina Bessa-Luís, «estão a abarrotar de mulheres; os pés delas saem das páginas como duma cama estreita de mais. Os fios das teias, os cabelos das crianças, os corpos das amigas, tudo sai dos espelhos, das molduras, dos ramos de flores. Mulheres e mais mulheres; falam, espalham o sono e a memória com aquelas conversas de pequeno bruxedo, de saudade delas próprias. Falam para não dar ouvidos a queixas profundas. São submissas e, ao mesmo tempo, são soberbas de toda a fortaleza de mulheres. O sangue é a sua honra, o seu poder» (*Ensaio*, 2017).

A China Fica ao Lado constituiu, em 1968 (data de publicação), uma notável ousadia no meio literário português do antigo regime à qual não se prestou na altura, nem se tem prestado até ao presente, a devida atenção, apesar das várias traduções que a obra continua a conhecer no estrangeiro. E, contudo — importa sublinhá-lo —, a pedrada no charco que a publicação deste conjunto de contos significou no letárgico meio literário português, faz de Maria Ondina Braga um nome não apenas pioneiro,

mas decisivo, no rasgar de caminhos que hão de levar à publicação das *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, em 1972, já nas vésperas da Revolução de Abril. Sem esquecer, naturalmente, o contributo importante de nomes como Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Maria Velho da Costa, Maria Judite de Carvalho, Natália Nunes, Isabel da Nóbrega, ou mesmo Maria Gabriela Llansol. Ou ainda a publicação em fascículos, entre 1948-1949, do estudo documental e fotográfico *As Mulheres do Meu País* de Maria Lamas, recentemente reeditado.

Talvez o facto de *A China Fica ao Lado* ter como cenário narrativo o espaço distante de Macau e de a sua autora ser desconhecida, justifique o acolhimento discreto da obra em Portugal. Ou porventura tenha pesado o facto de o livro ter vencido o Prémio Revelação de Ficção instituído pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI), organismo cultural afeto ao Estado Novo, em 1966 (o mesmo ano em que Natália Correia publicava a polémica *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*). Um ónus a que a escritora alude numa das entrevistas que concedeu, apesar de Agustina Bessa-Luís, membro do júri desse Prémio, ter considerado a obra e a autora «um prodígio de revelação» e lhe atribuir o seu «voto incondicional».

O conto de abertura que dá o título ao livro surpreende pela crueza do tema e pela paradoxal delicadeza da linguagem: o conto chama a atenção para os preconceitos que escravizam a mulher, nomeadamente a tradição dos pés de lótus, responsável pela imposição de um padrão de beleza e de reconhecimento social que deformou muitas mulheres chinesas. Mas acima de tudo, surpreende pela temática do aborto, tratada não através do biombo da sugestão ou da alusão, antes confrontando o(a) leitor(a) com a dureza de uma prática concreta: a de uma jovem chinesa de família ilustre, em Macau nas vésperas da Revolução Cultural, forçada a abortar numa clínica clandestina por ser mãe solteira: «Mãe como as outras não lhe era permitido ser. [...] Tinha de haver senhor, homem responsável, pai a apresentar, núpcias, leito conjugal» (*A China Fica ao Lado*).

Não admira que Maria Teresa Horta, autora da recensão crítica ao livro de Maria Ondina publicada no jornal *Expresso*, no dia 30 de março de 1974, considere «bastante injusto o silêncio, a penumbra para onde certo sector da nossa crítica tem empurrado o nome de uma escritora que, por seu único mérito, enfileira ao lado de todos os que formam

nos nossos dias, as primeiras linhas, digamos, da literatura portuguesa de hoje». Segundo ela,

[é] a mulher quem esta escritora mais retrata, são de mulheres as suas melhores personagens. Vergadas ao peso de ancestrais costumes que as oprimem, as reduzem a simples objetos de consumo diário e sexual; vergadas, submetidas a estranhos e «moraes» princípios que se perdem nos séculos... Vergadas, dobradas pelo egoísmo do homem que as deseja tal como as tem exigido até agora para sua comodidade e uso; entes «tornados em nada», diariamente sacrificados, bestas de carga ou simples «bibelots», beleza e fragilidade oca, escravas... ei-las em *A China Fica ao Lado*, mãos e pés atados, deformados; presas, agrilhoadas a um forçado destino...

Afirma Maria Ondina numa das entrevistas que concedeu (Maria Antónia Fiadeiro, *Diário de Notícias*, abril 1987): «Trato muito mulheres porque me interessam muito as mulheres, porque sou mulher»; «Tenho escrito sobretudo histórias de mulheres. Por ser o mundo que me é mais familiar, que conheço melhor», acrescentará mais tarde (Maria Teresa Horta, *Diário de Notícias*, abril 1992). A escritora fala de mulheres desamparadas, de mulheres inconformadas ou submissas, de divórcio e desejo, de medo e de gravidez, de partos e de mães solteiras porque «a mulher é a parte mais delicada e vulnerável desta sociedade e também da minha obra. Falo quase sempre de pessoas sofredoras, corajosas, solitárias» (J. Jorge Letria, *O Diário*, janeiro 1981).

Se a atenção de Maria Ondina Braga ao mundo feminino é, assim, rastreável desde muito cedo, ela não terá sido apenas determinada pela vivência familiar, mas também pelas crenças e rituais transmitidos de geração em geração, pelas convenções, silêncios e tabus da pequena cidade nortenha onde nasceu, por narrativas vindas de longe, construídas em séculos de submissão e de viver no feminino. E acima de tudo, acentuada pela condição nómada, migrante, da escritora, pela sua consciente «exiliência» (de acordo com o neologismo proposto por Alexis Nouss), na permanente busca de si na deslocação e no confronto com outras mulheres e práticas culturais.

Naturalmente, não é possível esquecer a impressão que causaram na leitora que Maria Ondina também foi as vidas e as obras de outras

mulheres escritoras, decisivas tanto para a afirmação da mulher como para a sua formação como escritora. Irene Lisboa, Virginia Woolf e, de um modo muito especial, Katherine Mansfield, são autoras que admira e a marcam desde muito cedo. Bem como as irmãs Brontë, influências que reconhece (ao lado de autores masculinos), em entrevista de Susana Ruth Marques para a revista *Modas & Bordados*, poucos dias após a Revolução: «Na poesia, Cesário Verde e Camilo Pessanha. Na prosa Camilo e, entre os estrangeiros, Katherine Mansfield. Outros livros que deixaram sulco no meu espírito foram as *Cartas de Rilke*, na edição portuguesa, e as *Confissões* de Verlaine. Das irmãs Brontë impressionou-me a obra, mas sobretudo a vida.»

São as vidas e a obra dessas mulheres escritoras que despertam a atenção da biógrafa Maria Ondina. Além de muitas outras vozes femininas que, por diversas vias, se destacaram no meio do «bulício invisível» — e durante muito tempo inaudível —, de que fala Rosa Montero. Essas tantas mulheres que ao longo dos séculos e nos diversos cantos do mundo ousaram viver de forma independente e escrever como forma de alcançar o direito a ter uma voz.

2. Biografias com sombra

«Numa biografia vêm ao de cima os dotes policiais do escritor»: quem o diz é Agustina Bessa-Luís em entrevista de Manuel António Pina para o *Jornal de Letras* (n.º 42, 1982), a propósito da escrita biográfica. «Uma biografia exige uma disciplina muito maior [do que o romance], tem que ser rigorosa, temos que estar munidos de elementos que têm por base uma história concreta, que terá que estar provada, que marca limites. Depois acontece como a um investigador, a um Sherlock Holmes: uma importante parte imaginativa é exigida ao biógrafo. [...] Falar de si é, então, uma fatalidade.»

Agustina, para quem «os interiores das casas, o vestir, o andar, as palavras, os gatos» são mais importantes do que os factos e reconhece «inventar a verdade» quando estes se calam (*Dicionário Imperfeito*), fala de si enquanto biógrafa. Mas as suas palavras bem poderiam aplicar-se à biógrafa Maria Ondina Braga.

Um biógrafo, mais ainda quando o biografado é um escritor, é alguém que não se limita a recolher dados factuais de forma neutra, datas, acontecimentos, relações, indícios de uma obra-vida como se Sherlock

fosse afinal a reencarnação de Sainte-Beuve. Um biógrafo é antes alguém que assume distância crítica perante o objeto, que investiga e interpreta, descobre conexões, elos invisíveis, ângulos imprevisíveis mas essenciais à composição do retrato de um *outro*-biografado. Alguém que sabe que a escrita biográfica implica um trabalho de relação, de aproximação e de confronto, mais ou menos explícito, com a alteridade e a diferenciação; o estabelecimento, tácito ou declarado, de um pacto biográfico (à semelhança do «pacto autobiográfico» analisado por Philippe Lejeune) que compromete o biógrafo a um protocolo de escrita em que este *se escreve* ao mesmo tempo que escreve.

A sombra discreta da biógrafa, deixa-a Maria Ondina Braga entrever na nota de abertura de *Mulheres Escritoras*, um conjunto de biografias breves, publicado em 1980:

Aqui se encontram reunidas figuras femininas muito diferentes, mais corajosas umas que outras, dominadas ou não pelos seus fantasmas, todas, porém, exemplos de força interior, de tenacidade, e defrontando os baixos interesses, os preconceitos, a hipocrisia, a intolerância, as prepotências da sociedade que as rodeava e estrangia. Casos de superior humanidade, ora vitoriosa, ora dilacerada. Minhas companheiras de tantas horas de solidão. A outras companheiras, essas desconhecidas, procurei transmitir, intacta, viva, reconfortante, a sua presença. (*Mulheres Escritoras*)

Mas a cumplicidade aqui expressa na primeira pessoa, afirmando uma comunhão ou sororidade de escrita que se estende igualmente às leitoras, «companheiras desconhecidas», manifesta-se, de forma mais ou menos visível, em vários outros momentos da escrita biográfica. Desde logo, na nota que antecede cada uma das biografias onde transparecem a leitura da biógrafa e as razões de escolha do perfil das escritoras biografadas.

Essa cumplicidade é sobretudo visível num texto até agora inédito, incluído neste volume, certamente escrito como prefácio para *Mulheres Escritoras* (pp. 521-522). Nesse texto, Maria Ondina revela as razões pelas quais se interessou pelas vidas de mulheres escritoras de diferentes tempos e geografias como se Sherlock nos desvendasse os segredos do seu próprio método. Um conjunto de motivações psicológicas que de algum modo se erigem em critério de escolha e de escrita: em primeiro lugar, a «dificuldade

que as mulheres têm tido, através dos tempos, para penetrarem a carreira das letras, para fazerem parte do mundo da literatura», como exemplarmente ilustram as irmãs Brontë, na primeira metade do século XIX em Inglaterra, ou Teresa Margarida da Silva Orta, no final do século XVIII, em Portugal. Em segundo lugar, a «coragem», não apenas «*como escritoras mas também como mulheres*»¹, por se oporem «aos preconceitos da sociedade, serem diferentes do habitual, não casarem, lutarem pelos seus direitos e contra a crueza da própria vida, etc.», como Lou Andreas-Salomé, Anaís Nin, Maria Browne, Irene Lisboa ou Violette Leduc. Heroínas, todas elas, de «um heroísmo que não consta da História, mas talvez mais difícil do que o da Padeira de Aljubarrota», salienta a biógrafa.

Conhecendo o percurso de vida de Maria Ondina, a ousadia da mulher que enfrentou os preconceitos da cidade de província onde nasceu e do país fechado do antigo regime; a coragem da mulher solitária e autónoma que se fez aos caminhos do mundo e se aventurou por quatro continentes; da escritora que «preferiu viver sozinha para escrever» (entrevista de Cristina Arvelos, *Portugal Hoje*, 1990) ou para quem a escrita foi a «única coisa que [lhe] deu gosto mesmo na vida» (entrevista de Maria Teresa Horta, *Diário de Notícias*, 1992), não será difícil perceber que escrever as vidas de mulheres escritoras significa para a biógrafa, de algum modo, escrever-se a si própria. Quer as biografias femininas de *Mulheres Escritoras*, quer de *Retratos com Sombras*, volume que não chegaria a ser editado, descubrem uma secreta rede de «afinidades eletivas» ou «constelações anímicas» (nas palavras de Goethe), um jogo de espelhos e de imagens, com as quais a biógrafa e escritora se confronta e interroga, nas quais identitariamente se busca ou discreta e empaticamente se projeta. Um jogo de reflexos especulares que vai muito além das razões enunciadas e da neutralidade narrativa da biógrafa crítica, subtilmente insinuado na passagem da vida entrevista no texto «ao texto da biografia».

Não será por acaso que o título *Mulheres Escritoras* surge acompanhado de um estranho índice paratextual — «da biografia no texto ao texto da biografia» —, em vez da convencional indicação de género. A biógrafa procura sublinhar deste modo o gesto de escrita *bio-gráfica*: a passagem

¹ Itálico da autora. [Nota das editoras]

da vida no texto ao texto da vida, da interpretação à grafia, à revelação do detalhe escondido, do traço que deixa adivinhar o rosto que a escrita procura captar. Aquele traço, sublinha Pietro Citati, capaz de insuflar vida a um ser humano, de definir «este ser humano único e inigualável no meio de milhões de pessoas que parecem semelhantes a ele» (*Ritratti di Donne*).

Biografias com sombra, poder-se-ia dizer afinal, parafraseando um dos títulos da escritora. Por um lado, porque quase todas estas mulheres surgem marcadas desde cedo por um destino adverso, sombrio. Pelo espectro da dor, do sacrifício ou da perda, pelo estigma da doença ou dos preconceitos sociais e morais, ou ainda, como no caso de Charlotte Brontë (e de Ondina), pela dura experiência de trabalho como preceptora de crianças — «Ninguém, senão quem já esteve na situação de preceptora, pode imaginar o lado negro da respeitável natureza humana... Uma preceptora não tem existência própria, não é considerada um ser vivo, racional, a não ser em relação às cansativas tarefas que deve cumprir...». Marcadas igualmente pela hostilidade do meio literário, pela incapacidade de compromisso no amor e pela solidão como condição.

Biografias com sombra também, por outro lado, porque, à semelhança do famoso quadro do pintor holandês, Martin van Heemskerck, *Lucas Pintando a Virgem* (c. 1533), no retrato de cada uma das biografadas discretamente se insinua a sombra da mão que retrata. E essa sombra, para quem «escrever é muito mais insinuar» do que explicar, não deixa de ser significativa (entrevista de Maria Antónia Fiadeiro, *Diário de Notícias*, 1987).

3. Para uma biografia das biografias

O projeto de escrita biográfica, nomeadamente de *Mulheres Escritoras*, não terá surgido a Maria Ondina de forma imediata, exigindo ele próprio uma genealogia ou, talvez melhor, uma «biografia». Na origem desse projeto esteve a colaboração da escritora na revista *Modas & Bordados*, uma revista progressista cujo conteúdo desmente o título conservador. Publicada semanalmente desde 1912 até 1977, e dirigida a um público feminino de classe média e alta, a revista exerceu um papel fundamental na educação e formação cultural das mulheres, na sua consciencialização social e política, bem como no apelo à sua participação cívica. Além de surpreender pela escolha, pela diversidade e pelo arrojo dos temas e rubricas: condição feminina e emancipação, mulheres em contexto urbano, operário e rural, sexualidade e contraceção, sexo e amor, direito a outras formas

de relacionamento além do casamento, alcoolismo, violência doméstica, divórcio, interrupção voluntária da gravidez, direitos das mulheres, o voto feminino, direitos laborais e repartição do trabalho, política, cultura, moda, *lingerie*, decoração, culinária, educação dos filhos, entrevistas a mulheres que se destacaram em vários domínios da ciência ou das artes. Dentro deste papel informativo e educativo da revista, valerá a pena assinalar a publicação *A Mulher em Luta pelos Seus Direitos*, anunciada na capa do número 3285 (29 de janeiro de 1975), sob o título «Pioneiras do Feminismo». A publicação, que se estende por vários números, pretende dar a conhecer às leitoras a história dos movimentos internacionais de libertação da mulher, desde o início do movimento sufragista no século XIX com a publicação do livro de William Thomson e da feminista irlandesa Anna Doyle Wheeler *Appeal of One Half the Human Race* (1825) e a petição de John Stuart Mill na Câmara dos Comuns sobre o voto das mulheres, o que viria desencadear uma verdadeira revolução na sociedade inglesa e em grande parte da sociedade europeia e americana. A publicação é assinada pela jornalista Gertrudis de Pablos num exclusivo da agência Pyresa em parceria com a revista *Modas & Bordados*.

No regime autoritário do Estado Novo, a revista *Modas & Bordados* distinguiu-se por dar voz à luta pela emancipação e pelos direitos das mulheres, em contraponto à visão conservadora dominante, para o que muito contribuiu a direção de Maria Lamas, de 1928 a 1947. A revista (bem como *Mulher. Modas & Bordados*, que lhe sucederia) ocupou um lugar único, sem precedentes, na imprensa portuguesa. Rasgou preconceitos, desempenhou um papel fundamental na construção democrática, na abertura e na mudança das mentalidades, abrindo caminho ao aparecimento de uma imprensa feminina de cariz internacional que viria a impulsionar a mudança comportamental das mulheres nas décadas seguintes, com destaque para a importação, no final dos anos 80, de revistas como a *Elle*, *Marie Claire*, *Madame Figaro*, *Máxima* e, em 1992, da norte-americana *Cosmopolitan*.

O primeiro número da revista *Modas & Bordados* a sair depois do 25 de Abril (1 de maio de 1974), sob a direção de Manuela Sousa Rama, inclui uma entrevista de Susana Ruth Marques a Maria Ondina Braga, «O escritor e a solidão», com fotografias de Francisco Ferreira. No mês seguinte, 5 de junho, a revista traz uma entrevista de Susana Ruth Marques a Maria Lamas (com fotografias de Eduardo Gageiro). E no final desse mesmo ano, em dezembro, porventura na sequência da entrevista de

Susana Ruth Marques, a escritora aparece a assinar uma pequena coluna com breves resenhas de livros: «Livros em Revista».

O número de Natal de 74, cuja capa reproduz uma pintura de Nikias Skapinakis, oferece às leitoras um conjunto de textos (crónica, conto e poesia) de várias autoras portuguesas: Alice Gomes, Fíama Hasse Pais Brandão, Maria Judite de Carvalho, Maria Teresa Horta, Matilde Rosa Araújo, Natália Correia, Sílvia Soares e Sophia Breyner Andresen. Nesse número de Natal, Maria Ondina Braga ganha espaço: «Livros em Revista» apresenta um conjunto de sugestões de livros-pretenda onde se destacam nomes como Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Vitorino Nemésio, David Mourão-Ferreira, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço. Ao lado de *Tempo das Mercês*, de Maria Judite de Carvalho, *Solidão II*, de Irene Lisboa, *As Batalhas Que Nós Perdemos*, de Natália Nunes, *O Coelho Nicolau*, de Maria Cecília Correia, ou mesmo um disco, *Cantigas de Amor e de Amigo dos Trovadores Portugueses*, de Natália Correia, para, como sublinha a colunista, «não só ler como ouvir literatura»².

É, portanto, no contexto da mudança trazida pela Revolução de Abril e do compromisso de transformação social assumido pela revista, que Maria Ondina Braga se deixa seduzir pela ideia de escrever as vidas de mulheres escritoras que admira e cuja «presença» quer dar a conhecer a «outras companheiras» de leitura. Aliando, deste modo, um projeto de escrita biográfica ao desejo de «engagement», de pedagogia e cidadania cultural, para o que muito terão contribuído, além de Susana Ruth Marques, a relação de proximidade com Maria Antónia Fiadeiro (chefe de redação, a partir de 1975) que entrevistará Maria Ondina por mais de uma vez, já depois de extinta a revista. Assim como a admiração por Maria Lamas (cuja biografia a escritora chega a planear), a ação de Maria de Lurdes Pintasilgo, entrevistada para o número de 18 de dezembro de 1974 (a então ministra dos Assuntos Sociais é leitora de Maria Ondina, como atesta uma carta dirigida à escritora, datada de dezembro de 1980, existente no espólio), e ainda de Maria Antónia Palla que, em 3 de julho de 1974, assinava na revista *Modas & Bordados* o artigo «A grande guerra das mulheres» sobre a conquista dos direitos das mulheres ao longo do tempo.

² Itálico da autora. [Nota das editoras]

O ano de 1975 terá surgido a Maria Ondina como um ano estimulante para a concretização desse projeto de escrita biográfica, ano que a Organização das Nações Unidas declarara como Ano Internacional da Mulher e da realização, no México, da I Conferência Mundial da Mulher. O projeto de escrita biográfica seria o seu modo de participar no vasto programa de comemorações, ao qual a revista se associava.

É esse compromisso cívico que a leva a escrever, em 5 de março de 1975, uma nota anexa à rubrica «Livros em Revista» na qual convida as leitoras ao diálogo, desafiando-as a fazer daquele espaço o espaço de afirmação de uma voz comum: «Esta secção não é apenas minha, é também de todas as leitoras. Penso, por isso, que não deve reduzir-se a um monólogo. Gostaria de saber o que as leitoras desejariam que ela fosse. Peça-lhes que me enviem críticas e sugestões. Para que o meu trabalho seja expressão de uma vontade comum. Combinado?» (*Modas & Bordados*, n.º 3290). Para além das breves resenhas e de novas rubricas, entretanto criadas, «O Livro da Semana» ou «O Livro do Mês», rubricas que irá manter até ao final da revista, a escritora ganha espaço e visibilidade, assumindo o compromisso de assinar uma série de biografias intitulada «Mulheres Escritoras» sobre mulheres que deixaram marca na sociedade e na literatura declinada no feminino.

A nova rubrica, com direito a destaque na capa do número de 21 de maio de 1975, estreia com a biografia das irmãs Brontë. Seguem-se, em julho, a biografia de Lou Andreas-Salomé e, em outubro desse mesmo ano, a de Katherine Mansfield, anunciada na capa da revista que, entretanto, mudara o nome para *Mulher. Modas & Bordados*, agora sob direção honorária de Maria Lamas e direção interina de Mário Zambujal (ao qual sucederá, no ano seguinte, Teresa Mendes). Outras biografias serão publicadas, com periodicidade irregular, até à suspensão da revista em fevereiro de 1977 (Jane Austen, Maria Browne, Teresa Margarida da Silva e Orta, Virginia Woolf, Irene Lisboa, Colette, a última a ser publicada). As biografias de George Sand e Gabriela Mistral veriam a luz mais tarde, no suplemento literário «Ler e Escrever» do *Diário de Lisboa*, em 78 e 79, devido à suspensão da revista; a de Selma Lagerlöf, tanto quanto nos foi possível apurar, apenas terá sido publicada no volume *Mulheres Escritoras*.

São estas breves biografias que a biógrafa-escritora irá, posteriormente, reunir e publicar em volume, em outubro de 1980 — o mesmo ano em

que publica *Estação Morta* —, mantendo como título o nome da rubrica sob a qual foram originalmente publicadas (isto apesar de o livro ter sido entregue para publicação dois anos antes). Breves, convém dizê-lo, pelas circunstâncias específicas dessa publicação, quer tendo em conta o espaço disponível da revista, quer o desejo de chegar ao público leitor.

É interessante notar, todavia, que a escolha do título para as biografias reunidas em volume nem sempre foi esta. Numa carta datada de 29 de setembro de 1978 encontrada no espólio da escritora e dirigida à Associação Portuguesa de Escritores como candidatura a uma bolsa concedida por esta Associação, Maria Ondina apresenta como projeto de trabalho «um livro de contos a que ainda não dei título [*Estação Morta*] e o segundo volume de *Escritoras-Mulheres em Luta* — perfis biográficos de mulheres escritoras cujo primeiro volume se encontra no prelo». Se a ideia de luta feminina era explícita neste primitivo título, aquele que viria a ser escolhido para a série de biografias no feminino vem reforçar implicitamente esta ideia. Com efeito, além de manter o nome original da rubrica, a opção pelo título *Mulheres Escritoras* constitui, na sintética e provocadora justaposição dos termos, mas também na sua implícita reversibilidade, uma afirmação orgulhosa contra um tempo e um modelo de sociedade em que *mulher* e *escritora* eram palavras mutuamente exclusivas.

Mulheres Escritoras reúne assim os retratos de catorze mulheres que viveram e escreveram em séculos e países distintos, todas elas ligadas pela coragem e pela «força interior», mas também pelo modo como procuraram afirmar-se num meio literário hostil. Recorrendo à estratégia de usar pseudónimos masculinos (irmãs Brontë; George Eliot; George Sand) ou de origem masculina (como Gabriela Mistral, tributo a Gabriel d'Annunzio e Frédéric Mistral) ou ainda ao anagrama (Teresa Margarida da Silva e Orta). E num tempo, como o de Maria Browne, «em que tanto escrever como amar eram privilégios do homem»; particularmente em Portugal, na primeira metade do século XIX, onde, como sublinha a biógrafa, mulher de letras «deve ter significado quase o mesmo que mulher perdida». Muitas destas mulheres enfrentaram obstáculos e sacrifícios, não casaram e não foram mães, em nome da escrita. Foram usurpadas dos direitos de autor e condenadas à inexistência autoral, como Colette (no seu primeiro casamento), por serem forçadas a assinar sob o pseudónimo do marido, ou viram, como ela, pela heterodoxia amorosa, o nome recusado nas Academias e outros lugares de reconhecimento.

Maria Ondina Braga escolheu como sujeitos de estudo mulheres pioneiras ou excepcionais: a primeira mulher a ganhar, em 1909, o Prémio Nobel da Literatura (a sueca Selma Lagerlöf), a autora do primeiro romance de autoria feminina escrito em português (Teresa Margarida da Silva e Orta), publicado em 1752, a primeira autora da América Latina a ganhar, em 1945, o Prémio Nobel da Literatura (a chilena Gabriela Mistral), Charlotte Brontë, autora, segundo a biógrafa, do primeiro romance «a apresentar com verdade a situação da mulher na sociedade». Selecionou mulheres rebeldes, conhecidas por casos amorosos célebres e escandalosos ou por uma vasta galeria de amantes de ambos os sexos (como Colette ou George Sand), e descreveu a sociedade patriarcal que as denegriu. Retratou mulheres determinadas, independentes, inspiradoras. Mas procurou sobretudo chamar a atenção para as obras literárias que produziram, cujo sucesso só a muito custo, ou apenas postumamente, foi conseguido: porque, como lembra Ana Luísa Amaral, «o próprio ato de escrever já é um desafio à estrutura do pensamento e à estrutura patriarcal» (*Arder a Palavra e Outros Incêndios*, 2022). E, por essa via, traçar uma linhagem de escritoras-farol que iluminaram o caminho às gerações seguintes.

Convém sublinhar que as biografias editadas originalmente nas revistas *Modas & Bordados* e *Mulher. Modas & Bordados* ou ainda no jornal *Diário de Lisboa*, sofreram algumas alterações na passagem para a publicação em livro. Não foi nossa intenção levar a cabo uma crítica genética nesta edição, seguindo o critério adotado no volume anterior, onde o trabalho de permanente revisão de narrativas autoficcionais como *Estátua de Sal* e *Eu Vim para Ver a Terra*, porventura, mais o justificariam. As modificações introduzidas na passagem ao «texto da biografia» na edição em livro circunscrevem-se, na maioria dos casos, a pequenas alterações pontuais em função de um apuramento do estilo, mantendo-se inalterada a estrutura do texto.

Em algumas biografias, contudo, há alterações relevantes que mereceriam um estudo mais demorado. A começar pelo resumo, destacado do corpo do texto a negrito ou em caixa (na edição da revista), de forma a atrair o olhar das leitoras. Como acontece, na edição original, com o resumo da biografia das irmãs Brontë que aqui tomamos como exemplo:

Poder-se-ia chamar às irmãs Brontë as escritoras da vida austera e da solidão. Um vizinho lembra: «Tão caladas, tão sossegadas, as pobrezinhas! Ninguém diria que havia crianças naquela casa.» Uma delas, Emily, foi justamente a autora de *O Monte dos Vendavais*, obra-prima da literatura universal.

Se a biógrafa procura aqui esconder-se, limitando-se à apresentação genérica e neutra das irmãs, à referência enciclopédica a uma «obra-prima da literatura universal» ou ao comentário de um vizinho como modo (alheio) de estimular a curiosidade das leitoras, já a nota-resumo publicada em livro é substancialmente diferente:

Poderia chamar-se às irmãs Brontë as escritoras da vida austera e do isolamento. A falta de saúde, a pobreza, o afastamento do mundo, fizeram de cada uma delas uma espécie de mito, marcando os seus escritos com um timbre muito pessoal. Para mulheres em tais condições na primeira metade do século XIX em Inglaterra, seguir a carreira das letras representava não apenas um ato de coragem mas uma verdadeira aventura.

Os dados factuais destacados (nomeadamente a falta de saúde ou o isolamento) revelam uma seleção, encadeamento narrativo e interpretação da responsabilidade da biógrafa. O leitor atento, por seu turno, descobre preferências, secretas afinidades, que deixam transparecer a sombra da biógrafa-escritora Maria Ondina. Além de tornarem agora explícitas as razões pessoais desta escolha: a «coragem», mas também a «aventura» que as vidas das irmãs Brontë representam, a sua determinação em seguir «a carreira das letras», o «timbre muito pessoal» que conseguiram imprimir à escrita.

A edição em livro apresenta ainda alterações assinaláveis dos títulos de cada uma das divisões (capítulos) destacados no corpo do texto da biografia, bem como alguns acrescentos. Mas o mais significativo são as modificações introduzidas no corpo do texto. Estas surgem nos dois «capítulos» finais, o primeiro dos quais apenas tem título na edição em livro («De novo o anjo da morte») e dizem respeito à morte precoce de Branwell, único irmão das Brontë, e às circunstâncias que terão levado Emily a «desistir de viver». A biógrafa recorre, para além da crítica lite-

rária, à leitura de Mrs. Gaskell, biógrafa de Charlotte e de «um dos mais recentes e atentos biógrafos» de Emily, Winifred Gérin (porventura lidos posteriormente à publicação da biografia na revista); e detém-se na análise psicológica de Emily, ausente na publicação original. Talvez por causa desse trabalho de investigação, questiona a relação das irmãs Brontë com o amor, altera e complexifica significativamente a versão original, no caso de Charlotte, denunciando a presença da escritora intimista que foi Maria Ondina Braga: «Mas um dia também o amor a visitou. Era o adjunto do pai e agora novo cura da paróquia, “Mr” Nicholls. Um amor delicado e terno que não durou senão alguns meses.»

Na passagem ao texto do livro, porém, a biógrafa não se coíbe de adicionar esta nota: «Finalmente, é por piedade, não por amor, que se casa com Mr. Nicholls, coadjutor do pai, quando já resolvera ficar solteira.» Acrescentando outros dados relevantes, como a revelação do verdadeiro amor de Charlotte: «Que a sua grande paixão tinha sido Mr. Heger — o diretor da escola que frequentou em Bruxelas e onde ensinou inglês. Amor impossível, pois se tratava de um homem casado. Uma silenciosa e profunda paixão, todavia» (*Mulheres Escritoras*).

A passagem ao «texto da biografia» na edição em livro evidencia, naturalmente, um cuidado redobrado quer em relação a aspetos formais, quer em especial ao nível da composição do retrato por parte da biógrafa, como observa um dos críticos da época, Jorge Ramos (*A Tarde*, 23 de março, 1981): «as biografias que Maria Ondina Braga elaborou, obedec[em] às leis da perspectiva, da luz e da sombra, como se pintasse um quadro.» Extratos de diários e citações da obra das autoras biografadas, cartas, testemunhos ou comentários de contemporâneos ou conhecidos, notas de outros biógrafos ou da crítica literária, são inseridos no texto, fazendo sobressair um apurado trabalho de investigação. Deste modo, ganha espessura o esboço da publicação original, de forma a sustentar o olhar da biógrafa e a insuflar vida ao retrato da biografada. Por outro lado, o recurso à utilização do tempo presente vem conferir realidade tangível à «presença» das mulheres escritoras biografadas. A sombra da escritora Maria Ondina, especialista em retratos, não deixa de aqui se insinuar.

Gabriela Mistral retratou na poesia mulheres «que são cada qual uma feição dela própria», observa a biógrafa como se falasse de si. Cada uma das mulheres escritoras biografadas é igualmente o espelho onde a sombra da biógrafa-escritora se reflete. Tal como ela, Colette e Selma Lagerlöf

cortaram a trança (símbolo de inocência infantil, mas também de feminilidade e sedução); tal como ela, Colette tem uma «alma de nómada», Lou Salomé é «indiferente a preconceitos», as irmãs Brontë conhecem a experiência precoce da orfandade, Charlotte foi preceptora de crianças, Irene Lisboa tem problemas com a editora, Jane Austen e Virginia Woolf escrevem «romances iguais a ela(s) própria(s)». Além de esta última escrever recensões críticas sobre «escritores talentosos e ignorados», à margem da vida comum, os «*forgotten worthies*» que tanto Virginia como Maria Ondina preferem. E Katherine Mansfield conheceu, tal como Maria Ondina, a doença, o desejo de um lar, mas também a paixão da escrita, um lugar à margem dos cânones literários.

Companheira de solidão e de leitura, a escritora-biógrafa torna-se, neste caso, mais do que sombra, presença real. Dialogando diretamente com um «tu» no final da biografia, é de Maria Ondina a voz que escutamos, ainda que diluída num «nós» feminino e plural: «Enquanto te lermos, continuarás a respirar: sentiremos a tua íntima palpitação, voará livre do corpo, aquela alma intacta que tão ansiosamente ambicionaste» (*Mulheres Escritoras*). O retrato confunde-se aqui com o autorretrato. Ainda que a escritora venha a confessar, anos mais tarde, num texto intitulado «Autorretrato», «detestar olhar-se nos retratos», jamais se ter submetido «a qualquer espécie de psicanálise» ou demorar-se «diante do espelho». Mas é justamente nesse texto que compara a sua maneira de escrever a «um jogo de espelhos»: um jogo «em que frequentemente me encontro [...] sem bem chegar a conhecer-me» (*Diário de Lisboa*, 22 de março de 1990). Talvez as biografias representem para a biógrafa esse encontro, esse furtivo olhar-se no espelho.

Surpreende que *Mulheres Escritoras* tenha merecido uma receção discreta em Portugal e mais ainda que a sua autora continue por descobrir. Pouco mais do que a recensão de João Maia para a revista *Brotéria* (dezembro de 1981), sublinhando que o mérito deste livro é «levar o leitor a tomar contacto com estas Musas do tinteiro e da vida contrariada». Não sem avisar o leitor das muitas surpresas que o esperam: «Entrará no casarão das Brontë, nos sanatórios da Mansfield, no sofisticado salão da Woolf, no solar da Jane Austen. Irá a alguns casamentos e ouvirá a horas mortas o roce do aparo destas escritoras, quase todas de renome universal.» Ou o destaque de Maria Teresa Horta ao «importante trabalho de pesquisa», lamentando a escassez de publicações teóricas sobre a escrita de mulhe-

res» em Portugal (*Colóquio Letras*, 60, 1981). Ou ainda realçando o labor da biógrafa, num livro que é uma «viagem dentro da escrita da mulher, através da escrita da mulher; a palavra da mulher para falar da escrita da mulher...» (*Mulheres*, 46, 1982).

Mulheres Escritoras constitui, por todas estas razões, um trabalho único e original, documentando o notável trabalho de pesquisa e o olhar acutilante da biógrafa. Os textos misturam biografia (isto é, contexto), crítica literária, tradução de citações de textos literários, biográficos, autobiográficos, jornalísticos, comentários e testemunhos de contemporâneos, incluindo a bibliografia específica de cada autora e as traduções disponíveis ao público leitor. Ao mesmo tempo, o livro mostra uma faceta ignorada de Maria Ondina: a da mulher e cidadã, participante ativa na mudança da sociedade do seu tempo e na construção de uma sociedade democrática. *Mulheres Escritoras* descobre uma linhagem de mulheres em ação no palco da escrita e do tempo que lhes coube viver, revelando ao leitor a escritora e biógrafa orgulhosa de fazer parte dessa linhagem. Orgulhosa, no dizer de Adélia Prado, da sua «árvore ginecológica».

4. Um cânone sem fronteiras

O projeto biográfico de Maria Ondina vai muito para além do fim da revista *Mulher. Modas & Bordados*, em fevereiro de 1977. Mesmo depois dessa data, a atenção da biógrafa continuará centrada nas vidas de mulheres escritoras de diversos tempos e lugares, suas companheiras de solidão e de escrita. No ano seguinte, em 28 de setembro de 1978, na carta à Associação Portuguesa de Escritores atrás referida, Maria Ondina dá conta de ter em mãos um «segundo volume de *Escritoras-Mulheres em Luta* [...] cujo primeiro volume se encontra no prelo». E em 1981, numa entrevista de José Jorge Letria (*O Diário*, 19 janeiro), a escritora revela o seguinte: «Fiz *Mulheres Escritoras* porque sempre achei que era difícil à mulher entrar nas letras, onde durante muito tempo só conseguiu entrar com pseudónimo masculino. Tenho em preparação o segundo com biografias de Ana Plácido, George Eliot, Violette Leduc e Manuela Porto, entre outras.» Em 13 de junho desse mesmo ano, na entrevista de Júlio Valente para o Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, refere-se à preparação desse segundo volume que incluiria Rosália de Castro, Cecília Meireles, George Eliot, Pearl Buck, Ana Plácido, Florbela Espanca, Madame Sevigné, Sei Shōnagon, Anaïs Nin e Violette Leduc.

Por razões que desconhecemos, as biografias anunciadas de Florbela Espanca, Cecília Meireles, Pearl Buck (traduzida por Maria Ondina) ou Madame Sévigné, não chegaram, ao que tudo indica, a ser escritas. O mesmo se passa com a biografia de Manuela Porto, escritora e tradutora de Virginia Woolf, tendo apenas sido publicada uma crónica no *Diário de Lisboa* que aqui damos a conhecer. Do segundo projeto «em preparação», veriam a luz as biografias de Anaís Nin, Ana Plácido, Carson McCullers, George Eliot, Maria Archer, Rosalía de Castro, Sei Shōnagon e Violette Leduc, esta última publicada em 9 de abril de 1980 no suplemento literário do *Diário de Lisboa*. Todas elas viriam a ser reunidas pela autora no volume *Retratos com Sombras* que, apesar de entregue à editora, permaneceria inédito.

Lidos em conjunto, os dois volumes (um total de vinte e duas biografias) representam uma escolha muito pessoal de escritoras que, na opinião de Maria Ondina Braga, era importante conhecer e ler. Simbolicamente, em vez de um dicionário ou enciclopédia, os dois volumes representam para a autora uma tentativa de estabelecer uma genealogia de mulheres escritoras, uma sororidade de escrita à escala universal. As biografias constroem, consciente ou inconscientemente, uma contranarrativa feminina da história da literatura, isto é, um cânone alternativo, realçando a inexistência de uma história e de uma tradição literária de mulheres escritoras em Portugal. Não sem uma nota de ousadia ou de polémica, como observa o crítico literário brasileiro Geraldo Sobral (*Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Abril 1981) a respeito de *Mulheres Escritoras*: «ao incorporar Teresa Margarida da Silva e Orta à literatura portuguesa», a escritora-biógrafa parece contestar «subtilmente Tristão de Atahyde, que, em ensaio publicado n' *O Romance Brasileiro*, tentava colocá-la entre nós por seu nascimento paulista». Maria Ondina referir-se-á à autora de *As Aventuras de Diófanes* (1752), como a «primeira mulher que em Portugal escreveu um romance — por sinal feminista e progressista para o tempo», acrescentando, todavia, o seguinte: não pelo local de nascimento, mas «por ter nascido de pai português e mãe brasileira [...] podemos considerá-la — afirma a biógrafa — a primeira romancista luso-brasileira» (*Mulheres Escritoras*).

Apesar do espaço crescente que a biografia vem ocupando nas livrarias nos dias de hoje, a biografia, em particular a biografia literária, e muito especialmente a biografia literária feminina, continua a ser uma raridade em Portugal. Tanto quanto é possível saber, *Mulheres Escritoras* continua

a ser na atualidade uma obra pioneira de referência literária. Estudos enciclopédicos como *Escritoras Brasileiras, Galegas e Portuguesas*, de A. Lopes de Oliveira (1983), põem em foco escritoras oriundas de contextos nacionais específicos, limitando-se a fornecer informações básicas (datas, obras) e uma ou duas linhas de biografia. Há levantamentos de dados sobre um tema particular em *A Mulher: Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, editado por Maria Regina Tavares da Silva, em 1999: ambas as obras incluem pequenos verbetes sobre Maria Ondina Braga (esta última reproduz algumas linhas da «Nota Introdutória» de *Mulheres Escritoras*). Existem vários Dicionários, *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*, de Ana Barradas (1998), *Dicionário no Feminino, Séculos XIX e XX* (2005), e *Feminae. Dicionário Contemporâneo* (2013), ambos dirigidos por João Esteves e Zília Osório de Castro, e o recentemente publicado *Escritoras Portuguesas no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo*, coordenado por José Manuel Costa Neves, Isabel Henriques de Jesus e Teresa Sousa de Almeida (2023). Existem antologias de escritoras portuguesas como *A Mulher e a Sensibilidade Portuguesa*, de Ivone Maria Gabriel Pinheiro da Silva, editada em 1971, pela Mocidade Portuguesa Feminina, em Angola (que inclui textos de Maria Ondina Braga, ao lado de autoras como Ana Hatherly, Sophia, Fiana, Natália Correia, Agustina, entre outras); além da antologia de escritoras portuguesas, organizada por Vanda Anastácio, em 2013, *Uma Antologia Improvável: a Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Nenhuma destas obras constitui, apesar da sua importância, um corpo de biografias, muito menos configura uma genealogia pessoal ou uma contranarrativa literária global.

Humilhação e Glória: o Acidentado Percurso de Algumas Mulheres Singulares (2012), de Helena Vasconcelos, reúne um conjunto importante de ensaios sobre diversas figuras femininas ao longo dos séculos, na literatura, nas ciências, na política, especialmente desde os movimentos sufragistas do século XIX até à contemporaneidade. Mas embora se refira a várias mulheres singulares, não pretende constituir-se como biografia. *Femmes Oubliées dans les Arts et les Lettres au Portugal (XIX^e-XX^e Siècles)*, organizado por Maria Graciete Besse e Maria Araújo Silva (Paris, 2016), em língua francesa, constitui uma justa homenagem a várias escritoras ou artistas portuguesas esquecidas (incluindo Maria Ondina Braga), mas é um trabalho académico que não tem como foco específico a biografia nem se circunscreve ao domínio da literatura. *Mulheres e Resistência*: «Novas

Cartas Portuguesas» e Outras Lutas (2023), livro-catálogo que tem por base uma exposição no Museu do Aljube, coordenado por Rita Rato, destaca uma série de nomes femininos que, com diferentes origens e diversas áreas de trabalho, se empenharam ativamente na luta «pelos seus direitos, pela justiça social e pela liberdade, desde os anos 1930 até ao 25 de Abril de 1974». Merece ainda uma referência a curiosa coincidência (ou talvez não) do título *Mulheres Escritoras*, escolhido pelo *Jornal de Notícias* ao iniciar, em 2023, a edição de quinze obras de autoras nacionais e estrangeiras, algumas das quais coincidentes com o volume homónimo de Maria Ondina: Emily e Anne Brontë, Jane Austen, George Eliot, George Sand, Virginia Woolf ou Ana Plácido fazem parte da seleção. Embora se trate da edição de obras literárias, não podemos deixar de registar o esquecimento a que, uma vez mais, é votado o nome de Maria Ondina.

As Revolucionárias: Doze Mulheres Portuguesas Desobedientes, de Maria João Lopo de Carvalho, também de 2023, é uma escolha biográfica que inclui, entre outros, nomes como Adelaide Cabete, Domitila de Carvalho, Carolina Beatriz Ângelo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Irene Lisboa e Maria Lamas. Editado em 2021 e reeditado em 2022, *Vinte Grandes Mulheres do Século XX*, de Inês Pedrosa, por seu turno, é um conjunto de ensaios biográficos sobre mulheres que se destacaram em diversos campos e em diversas geografias no século xx (entre elas, Marie Curie, Marilyn Monroe, Coco Chanel, Frida Kahlo, Madre Teresa de Calcutá, incluindo as portuguesas Sophia, Amália, Agustina, Paula Rego e Maria João Pires). Mas, uma vez mais, o perfil distinto das biografadas não permite falar aqui de uma genealogia literária ou de um (anti)«cânone» no feminino.

Note-se que duas das biografadas são comuns à escolha de Maria Ondina: Lou Salomé e Virginia Woolf, pelo que se estranha a ausência de qualquer referência às biografias que Maria Ondina dedica a estas escritoras. No texto prefacial da primeira edição desta obra, Eduardo Lourenço espanta-se de ver Inês Pedrosa abrir «o seu desfile dos grandes ícones femininos do século com Lou Salomé». Para mais à frente considerar justa a escolha e afirmar que Lou «é a nova Eva, que o século xx esperava», existencial e culturalmente «a igual dos homens». De algum modo, Maria Ondina Braga já o assinalara na biografia que escrevera.

Há, todavia, uma nota que tem de ser feita a este respeito. Trata-se de assinalar o curioso facto de a capa da edição de 1980 de *Mulheres Escritoras* omitir o nome de Lou Andreas-Salomé na lista dos restantes nomes

de escritoras biografadas que aí se apresenta. Desconhecem-se as razões desta lacuna (simples erro de edição ou omissão intencional?). Certo é que a biografia desta «musa vampiro», a «fustigadora de preconceitos que um belo dia decidiu viver numa trindade antissagrada», como refere Inês Pedrosa, constava já do livro (e do cânone) de Maria Ondina.

Se até à segunda metade do século xx são, portanto, raras as biografias de mulheres, à exceção de rainhas, santas ou grandes celebridades, a partir dos anos 70 os estudos feministas viriam a conceder grande importância à biografia, procurando resgatar a história social e material da mulher. As biografias feministas, segundo a historiadora Barbara Caine, tendem a realçar não tanto os sucessos ou ganhos de mulheres, não o que fizeram, mas *como* conseguiram fazer o que fizeram dentro dos limites familiares e sociais que as restringiam. Assim, a biografia feminista pretende mostrar os momentos em que a biografada entrou em conflito com várias estruturas que a impediam de seguir o seu caminho, revelando a realidade problemática da vida para as mulheres, em geral. Mostrando que, muito para lá da passividade de que tantas vezes foram acusadas, as mulheres também participaram ativamente nos acontecimentos do seu tempo.

Retratos com Sombras vem, deste modo, ampliar a proposta de um novo cânone no feminino que *Mulheres Escritoras* anunciara. E, por sua vez, acentuar, pela diversidade cultural e pela amplitude geográfica e temporal das escolhas, a escala global desse cânone. Um cânone sem fronteiras nacionais, linguísticas, sociais, políticas ou morais. Dele fazem parte, no total, seis escritoras inglesas, quatro portuguesas, uma luso-brasileira, quatro francesas, uma sueca, uma neozelandesa, uma russo-alemã, uma americana, uma japonesa e uma escritora galega; o que não é de estranhar em alguém que viveu e viajou por quatro continentes e desempenhou, como escritora, professora, tradutora e, já agora, biógrafa, um importante papel como mediadora entre culturas.

É, aliás, a biógrafa cuja sombra se torna mais nítida nesta série de biografias, quem o deixa explícito. Desde logo, a propósito de Sei Shōnagon, escritora japonesa do século x, ao referir-se ao *Livro de Cabeceira* como um «documento [...] do que surpreendentemente nos une, através do espaço e do tempo». E sobretudo pelo modo como desafia o(a) leitor(a) com esta interrogação: «Não será incompleta uma cultura que não integre o saber tradicional, a arte e a literatura do Oriente?» (*Retratos com Sombras*). Mas também ao incluir Rosalía de Castro, «dando-lhe a honra

de inaugurar a história de uma literatura, após os longínquos da poesia galego-portuguesa medieval». Ou ainda na homenagem que presta a Anaïs Nin e à escrita do *Diário* que a acompanhou toda a vida, «oferecido aos outros, a cada um de nós, a toda a humanidade: “São os meus mil anos de mulher que estou a registar. São mil mulheres.”»

Companheiras de solidão e de leitura, estas mulheres escritoras assombam em muitos momentos a própria escrita de Maria Ondina. Mulheres que se destacaram pela sua coragem e independência, como Ana Plácido, por uma escrita de sangue ou de lágrimas, como Violette Leduc: «Lágrimas; lágrimas, ejaculação, esperma das mulheres», escreverá Violette. Mulheres que viveram perigosamente, marginais como George Eliot: «teria George Eliot escrito os romances que escreveu, teria George sequer existido, não fosse Mary Ann Evans a eterna descontente de si mesma e a marginalizada do mundo?», interroga-se a biógrafa.

Mulheres que enfrentaram convenções, tabus e preconceitos (quando não as grades), incluindo os domésticos ou conjugais: «A mulher não deve ter biografia porque sempre existe nela algo em que não deve tocar-se», escreve Manuel Murguía, marido de Rosalía. Mas Maria Ondina não resiste a interrogar-se, com uma das biógrafas da autora galega, sobre as misteriosas razões que terão levado Murguía a destruir as cartas da mulher, após a sua morte, se era aí que pulsava o coração de Rosalía, «*tal como fue, tal cual nadie es capaz de presumir*». Mulheres incompreendidas, abandonadas, esquecidas, como Maria Archer. Mulheres iguais a tantas mulheres, iguais às leitoras desconhecidas, a nós, suas leitoras. Iguais a Maria Ondina, escritora biógrafa por excelência, como ela reconhece num texto publicado no mesmo ano de *Mulheres Escritoras*: «é delas, das mulheres que eu sei contar histórias, que me empenho em escrever. [...] Mulheres outras. Mas mulheres, sempre. Mulheres — quem sabe? — que conheci toda a vida. Mulheres — quem sabe? — desgarradas como eu» (*Sílex*, n.º 5, novembro, 1980).

5. Presente edição

Procurámos nestas «Biografias no Feminino» dar a conhecer ao leitor de hoje os dois volumes de biografias que Maria Ondina Braga escreveu — *Mulheres Escritoras* e *Retratos com Sombras*, este publicado agora pela primeira vez. Procurámos ainda reconstituir, num gesto igualmente inédito, os diferentes momentos que ao longo do tempo permitiram dar

corpo a um projeto pioneiro de escrita biográfica no feminino. Dado que uma parte significativa dessas biografias foi originalmente publicada em revistas, entendemos privilegiar os textos revistos pela autora para a edição em livro. Sem, naturalmente, deixar de dar conta das transformações significativas que alguns desses textos conhecem na passagem para a edição em volume, merecedoras de um estudo mais aprofundado. Mantivemos a ordem da publicação em volume, bem como a ordem dos dactiloscritos entregues para a publicação de *Retratos com Sombras*, uma vez que esse material se encontrava organizado pela escritora. Mantivemos igualmente as caixas ou resumos que originalmente antecedem os textos publicados em revista, forma que Maria Ondina conserva na edição em livro. Eliminámos, contudo, as bibliografias incluídas por Maria Ondina como anexo a cada uma das biografias de *Mulheres Escritoras* por entendermos que o tempo decorrido exigiria uma atualização incomportável com o espaço desta edição, mas também por um critério de uniformidade com as biografias de *Retratos com Sombras*, onde, tal como existe no espólio, essa bibliografia é inexistente.

Quisemos, por outro lado, resgatar da poeira do tempo e reunir neste volume, pela primeira vez, um conjunto de textos dispersos publicados em diversos lugares da imprensa (*Modas & Bordados, Mulher. Modas & Bordados, Mulheres, Sílex, Diário de Lisboa, Expresso, Revista de Cultura-Macau, Nam Van*) que, de algum modo, fazem parte deste projeto e trazem à luz facetas menos conhecidas de uma escritora como Maria Ondina ou descobrem o seu papel como mulher e cidadã comprometida com a mudança da sociedade, antes e depois da Revolução. Sem eles, o retrato da biógrafa (e da escritora) ficaria incompleto, porventura ilegível.

Recolhemos na presente edição recensões de livros (mais ou menos alargadas conforme o espaço da rubrica em questão) e textos de diferentes géneros e registos sobre mulheres ou condição feminina, em alguns casos ditados pelo contexto da atualidade pela atmosfera de efervescência revolucionária. É o caso, entre outros, de um texto publicado em 1975, sobre Eva Forest, presa em Espanha por suspeita de envolvimento no atentado que vitimou Carrero Blanco. Assim como das recensões aos livros de Teresa Oliveira e Adelaide M. Carvalho, *O Papel da Mulher na Solução do Problema Feminino nos Países Socialistas* ou *Aborto: Direito ao Nosso Corpo*, de Célia Metrass, Helena de Sá Medeiros e Maria Teresa

Horta, ambos de 1975. Ou ainda da recensão ao *Livro Branco do Aborto* com a chancela de *Le Nouvel Observateur* dando conta de uma ampla discussão na sociedade francesa em torno da gravidez indesejada ou do texto «Aborto e Contraceção em Debate» resumindo diferentes perspetivas a partir de um programa televisivo transmitido em 6 de março de 1975, reunidas em volume pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Sem esquecer as recensões aos livros de Sheila Rowbotham, *Mulheres, Resistência e Revolução*, de Joss Van Ussel, e *História da Repressão Sexual*, publicados em 1976.

Igualmente marcados pelo contexto da atualidade e por um debate que transcende fronteiras geográficas, são os textos sobre *A Mulher Submissa*, de Sidónio Muralha, rebatendo o discurso antifeminista de Esther Villar em *O Homem Subjugado*, o balanço *A Mulher no Movimento Literário Português após a Revolução*, além das autobiografias *A Minha Vida*, de Golda Meir, ou *Autobiografia de Uma Mulher Emancipada*, de Alexandra Kollontai, todos de 1976.

Os textos publicados na imprensa, reunidos agora nesta edição, abordam temas diversos: escrita no feminino, feminismo e emancipação das mulheres, casamento e divórcio, maternidade, aborto, amor livre, educação sexual, sexismo, entre outros, de acordo com a linha editorial da revista, a novidade das edições ou traduções no mercado e as preferências da escritora (e leitora).

As recensões ou crónicas sobre obras literárias de autoria feminina confirmam a pluralidade de vozes, de tempos e de culturas convocados por Maria Ondina e surpreendem pela notável e invulgar abertura multicultural da escritora: as britânicas Doris Lessing (que viria a receber o Prémio Nobel da Literatura em 2007) e a *quaker* vitoriana Caroline Fox, a australiana Miles Franklin, a polaca Maria Dabrowska, a chinesa Ding Ling e a russa Marina Tsvetaeva, completam e ampliam, em certo sentido, o cânone que as biografias configuram. Convocando e incluindo igualmente o contributo de autores masculinos como Hervé Bazin (cujo romance *A Divorciada: Madame Ex* merece destaque) ou Miguel Torga, o delicado retratista de «figuras de mulher que simbolizam a própria condição feminina». Ou ainda o do poeta chinês Tu Fu que, no século VIII da nossa era, em poemas como *Lamento da Noiva* ou *Balada das Solteiras de Xiezhou*, mostra uma notável compaixão pelo duro destino das mulheres, além de Tsao Hseh-chin, autor de *O Sonho do Pavilhão Vermelho*,

um dos mais importantes romances escritos em língua chinesa, que, no século XVIII, constituiu uma notável e invulgar homenagem à mulher, às várias mulheres que o autor conheceu na sua juventude. Sem esquecer, no domínio do cinema, uma breve nota crítica sobre *Cenas da Vida Conjugal* de Ingmar Bergman.

Textos como «A condição feminina na literatura chinesa do século XX», publicado na *Revista de Cultura* (Instituto Cultural de Macau), «Na China, a juventude, o amor» e «Solidão» (publicados na revista *Mulheres*, que viria a suceder a *Mulher. Modas & Bordados*), ou «Para quando a emancipação da mulher chinesa?» e «Mulheres de letras na China Antiga» (publicados em Macau, na revista *Nam Van*), mostram que a atenção da escritora relativamente à condição feminina se estende aos diversos lugares do mundo, incluindo a China e o Oriente, realidade que a escritora conheceu de perto. Ao mesmo tempo que revelam a curiosidade de Maria Ondina pela cultura chinesa, o estudo apurado da poesia na China antiga, em especial da dinastia Tang, de que dá conta em vários lugares, a cumplicidade com as biografias femininas de Liu Hsiang, reunidas sob o título de *Mulheres Eminentes*.

Pela sua íntima ligação com a temática desta edição, entendemos ainda incluir neste volume um número reduzido de textos inéditos, alguns dos quais se encontravam numa caixa do Espaço Maria Ondina Braga/Museu Nogueira da Silva ainda a aguardar a respetiva inventariação. São simples apontamentos manuscritos ou textos dactiloscritos, onde é possível escutar, na primeira pessoa, a voz da escritora ou da biógrafa. O primeiro deles, intitulado «Mulheres escritoras», ao que tudo indica, terá sido escrito como prefácio ou apresentação do volume homónimo de biografias e a ele já tivemos oportunidade de nos referir. Dois outros (com o mesmo título), escritos no início dos anos 80, constituem o «testemunho de uma mulher que escreve em Portugal» e dão conta do percurso pessoal da mulher, da escritora e tradutora, das dificuldades sentidas no mundo editorial ou literário, da experiência de viver no estrangeiro, ao mesmo tempo que sublinham a mudança social trazida pelo 25 de Abril e o «espaço conquistado pela mulher na literatura contemporânea em Portugal.» Um terceiro texto, intitulado «O feminismo», destaca a importância que a temática feminista tem para Maria Ondina e vem colocar a questão de uma possível leitura feminista das biografias, mas também da sua obra ficcional. «Livro de horas feminista», «bíblia mulheril», seriam, aliás, os

termos irónicos usados pelo crítico João Gaspar na recensão a *Mulheres Escritoras* (*Diário de Notícias*, 12 de março de 1981).

Maria Ondina Braga escreve recensões de alguns livros de Simone de Beauvoir, mulher e escritora que admira e que talvez tenha conhecido aquando da visita desta a Portugal, poucos dias antes do 25 de Abril. Para a escritora, *O Segundo Sexo*, «além de interessantíssimo estudo da condição feminina em todos os seus aspetos, é ainda um plano dos caminhos de libertação para a mulher». Diga-se, a título de curiosidade, que Maria Ondina pedirá ajuda a Simone de Beauvoir para o trabalho de investigação sobre Violette Leduc: a carta de Simone, hoje no Espaço Maria Ondina Braga, é dessa relação um testemunho tangível.

Maria Ondina Braga virá ainda a colaborar na revista brasileira *Impressões*, de cujo conselho consultivo fazem parte nomes como Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles, que viria a tornar-se grande amiga da escritora. A nova revista pretendia «dar voz a mulheres que têm a voz silenciada pelos meios de comunicação convencionais», em especial brasileiras, portuguesas e latino-americanas. «Breve(?) seremos ricas, famosas e poderemos remunerar as colaboradoras condignamente. Por enquanto, é o voluntariado agindo...», escreve Danda Prado, diretora executiva, solicitando a autorização (e a cumplicidade) de Maria Ondina para publicar o conto «A Lição de Inglês». A carta integrará o volume de inéditos e dispersos destas *Obras Completas*.

Longe de hegemonias, de qualquer forma de radicalismo ou dogmatismo, Maria Ondina Braga aproxima-se daquilo a que chama o «feminismo lúcido» de Virginia Woolf, alertando para os perigos de uma luta entre sexos e procurando «fortalecer as diferenças, mais ainda que as semelhanças. Mais do que a suspensão da clivagem masculino-feminino proposta em *Orlando*, Maria Ondina reconhece em Virginia Woolf a defesa da autonomia criadora das mulheres em todos os domínios, incluindo o literário, a porta-estandarte de uma revolução que até hoje não parou de se fazer sentir. Assim como se aproxima do exemplo feminista de Maria Lamas, como reconhece em entrevista a Susana Ruth Marques: «Se há nos meus livros feminismo é como forma de humanismo, como exigência de dignificação da própria condição humana. [...] para mim, neste campo, o grande exemplo é Maria Lamas, ao mesmo tempo tão feminina e tão firme na luta pela emancipação da mulher» (*Modas & Bordados*, maio 1974). A luta pela igualdade e liberdade das mulheres contra a discriminação e

dominação em campos tão alargados como o laboral, sexual, económico e existencial, sem radicalismos ou divisões, aproxima Maria Ondina do ideário da segunda vaga do feminismo. Todavia, confinar uma escritora multifacetada a um único rótulo será sempre uma leitura redutora.

Mantivemos o estilo elíptico, sugestivo mais do que narrativo, que é o de Maria Ondina, fortemente marcado pela oralidade, pela dúvida, pelas reticências, pelas perguntas retóricas e pela (auto)interrogação, marca de água de uma escritora que sempre mostrou uma invulgar abertura ao ponto de vista do outro, desconfiando de toda a forma de verdade absoluta ou de dogmatismo. Corrigimos, aqui ou ali, a pontuação que, de outro modo, dificultaria a leitura. E sempre que foi necessário, acrescentámos em nota de rodapé informação sobre a proveniência dos textos ou considerada relevante para a leitura. Entendemos respeitar igualmente a opção da autora, mantendo a forma aleatória como recorre (ou não) à tradução para a língua portuguesa dos títulos das obras estrangeiras convocadas ao longo destas biografias.

Ao Pedro Dono Lopez (Universidade do Minho), deixamos o nosso agradecimento pela revisão atenta das citações em galego da biografia de Rosalía de Castro.

Acima de tudo, esperamos que a presente edição possa levar os leitores de hoje à descoberta de um rosto múltiplo que o conjunto das *Obras Completas de Maria Ondina Braga* pretende, sob diversos ângulos, captar. Se nesta edição o leitor se deixar surpreender pela sombra da biógrafa, o esforço terá valido a pena.

Isabel Cristina Pinto Mateus (Cehum, Universidade do Minho)
Claire Williams (St. Peter's College, University of Oxford)